

A DEFESA PROFÉTICA DA PERMANÊNCIA NA TERRA – Jeremias 42

Vinicius Galleazzo

¹Então chegaram todos os capitães dos exércitos, e Joanã, filho de Carea, e Jezonias, filho de Osaías, e todo o povo, desde o menor até ao maior, ²e disseram a Jeremias, o profeta: Apresentamos-te a nossa humilde súplica, a fim de que rogues ao Senhor, teu Deus, por nós e por este resto; porque, de muitos que éramos, só restamos uns poucos, como vês com os teus próprios olhos; ³a fim de que o Senhor, teu Deus, nos mostre o caminho por onde havemos de andar e aquilo que havemos de fazer. ⁴Respondeu-lhes Jeremias, o profeta: Já vos ouvi; eis que orarei ao Senhor, vosso Deus, segundo o vosso pedido. Tudo o que o Senhor vos responder, eu vo-lo declararei; não vos ocultarei nada. ⁵Então, eles disseram a Jeremias: Seja o Senhor testemunha verdadeira e fiel contra nós, se não fizermos segundo toda a palavra com que o Senhor, teu Deus, te enviar a nós outros. ⁶Seja ela boa ou seja má, obedeceremos à voz do Senhor, nosso Deus, a quem te enviamos, para que nos suceda bem ao obedecermos à voz do Senhor, nosso Deus.

⁷Ao fim de dez dias veio a palavra do Senhor a Jeremias. ⁸Então chamou a Joanã, filho de Carea, e a todos os capitães dos exércitos que havia com ele, e a todo o povo, desde o menor até ao maior, ⁹e lhes disse: Assim diz o Senhor, Deus de Israel, a quem me enviastes para apresentar a vossa súplica diante dele: ¹⁰Se permanecerdes nesta terra, então, vos edificarei e não vos derribarei; plantar-vos-ei e não vos arrancarei, porque estou arrependido do mal que vos tenho feito. ¹¹Não temais o rei da Babilônia, a quem vós temeis; não o temais, diz o Senhor, porque eu sou convosco, para vos salvar e vos livrar das suas mãos. ¹²Eu vos serei propício, para que ele tenha misericórdia de vós e vos faça morar em vossa terra. ¹³Mas, se vós disserdes: Não ficaremos nesta terra, não obedecendo à voz do Senhor, vosso Deus, ¹⁴dizendo: Não; antes, iremos à terra do Egito, onde não veremos guerra, nem ouviremos som de trombeta, nem teremos fome de pão, e ali ficaremos, ¹⁵nesse caso, ouvi a palavra do Senhor, ó resto de Judá. Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Se tiverdes o firme propósito de entrar no Egito e fordes para morar, ¹⁶acontecerá, então, que a espada que vós temeis vos alcançará na terra do Egito, e a fome que receais vos seguirá de perto os passos no Egito, onde morrereis. ¹⁷Assim será com todos os homens que tiverem o propósito de entrar no Egito para morar: morrerão à espada, à fome e de peste; não restará deles nem um, nem escapará do mal que farei vir sobre eles.

^{43,1}*Tendo Jeremias acabado de falar a todo o povo todas as palavras do Senhor, seu Deus, palavras todas com as quais o Senhor, seu Deus, o enviara,* ^{43,2}*então,*

falou Azarias, filho de Osaiás, e Joanã, filho de Carea, e todos os homens soberbos, dizendo a Jeremias: É mentira isso que dizes; o Senhor, nosso Deus, não te enviou a dizer: Não entreis no Egito, para morar.^{43,3} Baruc filho de Nérias é que te incita contra nós, para nos entregar nas mãos dos caldeus, a fim de nos matarem ou nos exilarem na Babilônia¹.

¹⁹Falou-vos o Senhor, ó resto de Judá: Não entreis no Egito; tende por certo que vos adverti hoje. ²⁰Porque vós, à custa da vossa vida, a vós mesmos vos enganastes, pois me enviastes ao Senhor, vosso Deus, dizendo: Ora por nós ao Senhor, nosso Deus; e, segundo tudo o que disser o Senhor, nosso Deus, declara-nos assim, e o faremos; ²¹mas, tendo-vos declarado isso hoje, não destes ouvidos à voz do Senhor, vosso Deus, em coisa alguma pela qual ele me enviou a vós outros.

¹⁸Porque assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Como se derramou a minha ira e o meu furor sobre os habitantes de Jerusalém, assim se derramará a minha indignação sobre vós, quando entrardes no Egito; sereis objeto de maldição, de espanto, de desprezo e opróbrio e não vereis mais este lugar. ²²Agora, pois, sabeis por certo que morrereis à espada, à fome e de peste no mesmo lugar aonde desejastes ir para morar (Jr 42).

O cap. 42 do livro de Jeremias encontra-se inserido num conjunto literário maior (caps. 37 a 44). Segundo William Holladay, estes capítulos apresentam uma narrativa segura sobre os últimos dias da vida do profeta, provavelmente entre os anos de 588 e 586 aC, quando Jeremias e Baruc foram forçados a migrar para as terras egípcias; seria um claro exemplo de texto biográfico².

Segundo o mesmo autor, o trecho de 40,7–41,18 trata de uma longa introdução histórica ao texto do cap. 42. Com medo de possíveis represálias dos babilônios após o assassinato de Godolias, que havia sido nomeado por Nabucodonosor como “governador da terra” (41,7), os chefes militares tomaram a decisão de dirigir-se ao Egito em busca de asilo, provavelmente sob a proteção do faraó Áprias (589-570 aC), denominado Hofra em 44,30³.

No entanto, antes da partida, tais chefes resolveram consultar o profeta, ainda que não estivessem interessados em mudar seu intento. Essa consulta pode ser muito bem ser comparada com a cena de 37,3-10, quando o rei Sedecias pede que o profeta consulte Javé, ainda que o próprio rei tenha se rebelado contra a suserania babilônica e tenha se aliado ao Egito, inimigo declarado das intervenções de Nabucodonosor no corredor siro-palestinense.

1. O texto em itálico pertence ao capítulo 43; esse acréscimo, bem como a seqüência adotada para os versículos finais, serão justificados ao longo do artigo.
2. William L. Holladay, *Jeremiah 2 – A Commentary on the Book of the Prophet Jeremiah Chapters 26-52*, Philadelphia: Fortress Press, vol. 2, 1986, p. 282 [Hermeneia – A Critical and Historical Commentary on the Bible].
3. Herbert Donner, *História de Israel e dos povos vizinhos – Da época da divisão do reino até Alexandre Magno*, tradução Cláudio Molz e Hans Trein, São Leopoldo: Sinodal, vol. 2, 3ª edição, 2004, p. 412.

Holladay defende a existência de um deslocamento interno do texto. As afirmações proféticas no trecho de 42,19-22 pressuporiam uma recusa à palavra de Javé, enunciada nos v. 9-17; no entanto, tal recusa só aparecerá em 43,1-3, quando os chefes militares afirmam que as palavras de Jeremias são mentirosas e fruto das intrigas de Baruc. Além disso, o texto de 42,18 também pressuporia uma rejeição, e se encaixaria melhor antes do v. 22, que poderia ser considerado um sumário da retórica desenvolvida nos v. 15-17⁴. Dessa forma, o texto ficaria assim: 42,1-17 + 43,1-3 + 42,19-21 + 42,18.22.

Os primeiros seis versículos do capítulo tratam da consulta que os chefes militares, liderados por Joanã, filho de Carea, e Jezanias, filho de Osaías, juntamente com “todo o povo, desde o menor até ao maior”. É importante salientar os pronomes possessivos utilizados nesse trecho: o grupo pede que Jeremias consulte o *teu* Deus (v. 2-3); em sua resposta, o profeta afirma que consultará o *vosso* Deus (v. 4); o grupo, por fim, declara-se pronto a cumprir a palavra do *nosso* Deus (v. 6). Segundo Voltz, tal mudança não é acidental. A solicitação ao profeta bem poderia ser entendida como: “fale com Javé, pois essa é a *tua* especialidade”; a resposta de Jeremias poderia soar assim: “falarei, mas quem está pedindo orientação sois *vós*”; na réplica, os questionadores estariam admitindo: “estamos prontos a aceitar *nossa* obrigação”⁵.

Sendo assim, o grupo que se dirigiu ao profeta estaria disposto a cumprir as orientações que Javé desse por intermédio de Jeremias; no entanto, tal afirmação é meramente retórica: os mesmos que hoje tomam o Deus Javé não como uma mera testemunha, mas como testemunha “verdadeira e fiel”, e se comprometem solenemente a obedecer à voz do Senhor, seja boa ou má (v. 6), junto às terras banhadas pelo Nilo, algum tempo depois, confirmarão com grande convicção o culto prestado à Rainha do Céu nas cidades de Judá e em Jerusalém (44,17).

Mas se a promessa de obediência é apenas retórica e as lideranças militares já estavam decididas a refugiar-se no Egito (41,17-18), por que então decidiram consultar o profeta Jeremias? E quando a resposta de Javé foi proclamada por Jeremias, por que recusaram-na como uma intriga do escriba Baruc, que só desejaria a represália dos senhores babilônicos? João Calvino⁶ acusa-os de serem dissimulados e hipócritas, homens obstinados e insolentes, que exigem uma palavra profética que justifique suas ações, e não que leve em conta a vontade divina (1Rs 22,8.18). Se essas lideranças dirigiram-se ao profeta, provavelmente foi por pressão de “todo o povo, desde o menor até o maior” (v. 1).

“Agora, eu entregarei todas estas terras ao poder de Nabucodonosor, rei da Babilônia, meu servo”, havia proclamado Jeremias em outra ocasião (27,6). Tal palavra de-

4. William L. Holladay, *Jeremiah 2*, p. 281.

5. William L. Holladay, *Jeremiah 2*, p. 298.

6. Citado por William L. Holladay, *Jeremiah 2*, p. 298.

monstra claramente que o profeta estava convencido que era desejo de Javé que o reino de Judá capitulasse diante do poderio babilônico. E não só Judá, mas também o Egito sofreria com a invasão babilônica (43,8-13). Se assim era, por que não retrucou imediatamente a seus interlocutores? Jeremias simplesmente coloca-se diante de Javé, transmitindo o questionamento das lideranças do povo, ainda que soubesse (ou intuísse) qual seria a resposta.

Após dez dias de espera pela palavra de Javé, Jeremias anuncia a atitude que Deus quer daquele povo que havia permanecido na terra, após a recente catástrofe. Tal resposta abarca os v. 8-17, que seguem o conhecido esquema *se – então*; em outras palavras, *se* determinadas atitudes forem tomadas, *então* determinadas conseqüências ocorrerão.

O v. 10 apresenta a opção positiva, proposta por Javé:

“Se permanecerdes nesta terra...”

Tal versículo é complementado pelos v. 11-12:

“Não temais o rei da Babilônia, a quem vós temeis; não o temais, diz o Senhor, porque eu sou convosco, para vos salvar e vos livrar das suas mãos. Eu vos serei propício, para que ele tenha misericórdia de vós e vos faça morar em vossa terra.”

Já os v. 13-14.15b apresentam a opção negativa:

“Mas, se vós disserdes: Não ficaremos nesta terra, não obedecendo à voz do Senhor, vosso Deus, dizendo: Não; antes iremos à terra do Egito, onde não veremos guerra, nem ouviremos som de trombeta, nem teremos fome de pão, e ali ficaremos... Se tiverdes o firme propósito de entrar no Egito e fordes para morar.”

Os primeiros versículos em questão não sugerem apenas a necessidade da permanência na Palestina; antes, exigem uma mudança de mentalidade, já que a chefia militar estava decidida em rumar para o Egito. E como argumento de peso, Javé encoraja o grupo a não temer o poderio de Nabucodonosor, pois ele será companhia misericordiosa e salvadora. Nos últimos versículos, o Senhor retoma os objetivos dos consultentes, ou seja, descer ao Egito e lá se fixar, para escaparem do terror da guerra e da crueldade da fome.

As conseqüências para ambas opções são dadas da seguinte maneira. O v. 10b apresenta a bênção oferecida por Javé:

“Então, vos edificarei e não vos derribarei; plantar-vos-ei e não vos arrancarei, porque estou arrependido do mal que vos tenho feito.”

As conseqüências negativas virão nos v. 16-17:

“Acontecerá, então, que a espada que vós temeis vos alcançará na terra do Egito, e a fome que receais vos seguirá de perto os passos no Egito, onde morrereis. Assim será com todos os homens que tiverem o propósito de entrar no Egito para

morar: morrerão à espada, à fome e de peste; não restará deles nem um, nem escapará do mal que farei vir sobre eles.”

Caso o grupo estivesse disposto a deixar sua maldade e cumprir o que foi dito pela boca do profeta, Javé também estaria disposto a deixar de lado sua ira, abençoando e protegendo o *resto* do povo que havia permanecido em Judá. Ao contrário, concretizando-se a fuga para o Egito, esse *resto* encontraria no distante nordeste da África aquilo do qual estavam fugindo. Como ilustração, é possível citar a campanha empreendida por Nabucodonosor em 568, contra o faraó Amasis⁷.

Seguindo a proposta de Holladay⁸, o trecho de 43,1-3 apresenta a resposta dos chefes militares. Ainda que se manifestassem obedientes à vontade de Javé, não estavam dispostos a deixar seus planos de lado; provavelmente o temor da reação babilônica, por conta do assassinato de Godolias, era maior do que se possa pensar. Não somente renegam a palavra profética, mas afirmam que se trata de uma *mentira* e não palavra de Javé. Eles deturpam a *protasis* da opção negativa (“o Senhor, nosso Deus, não te enviou a dizer: não entreis no Egito, para morar”), transformando-a em proibição permanente. Além disso, tentam acusar Baruc como mentor da mentira; pode-se perceber, portanto, o quanto Jeremias estava desacreditado.

No trecho final (42,19-21.18.22), Jeremias refuta as afirmações dos oponentes: o *resto* de Judá está errado, e tal opção poderá custar-lhe a vida. Além disso, eles acabavam de quebrar a promessa contraída nos v. 5-6. E assim como havia tratado a capital do reino davidida, da mesma maneira Javé tratará o Egito, para onde o grupo se dirigia. Se não bastasse tudo isso, Jeremias foi obrigado a segui-los em direção à terra dos faraós, e dele não mais haverá notícias; acredita-se que o profeta tenha falecido naquela região⁹.

Jeremias, no decorrer do cap. 42, é um fiel defensor da permanência do *resto* na terra herdada das mãos de Javé. Ainda que a catástrofe, profetizada por ele algum tempo antes, tenha varrido o Estado davídico da região, Jeremias ainda confia nas promessas de Javé, que havia se declarado arrependido da ira que havia derramado sobre a cidade de Jerusalém (42,10). Por isso é tão intransigente: para ele, o destino do *resto* está ligado visceralmente a terra, ainda que ele próprio tenha sido levado, provavelmente contra sua vontade, ao Egito. A destruição causada pelos exércitos caldeus não era o fim e o futuro daquele povo (não do estado) estava na terra.

Vinicius Galleazzo
Rua Pelegrino Varani, 160
São Paulo/SP
04242-000
vinicius.galleazzo@itelefonica.com.br

7. Herbert Donner, *História de Israel*, p. 414.

8. William L. Holladay, *Jeremiah 2*, p. 282.

9. P.M. Bogaert (editor), *Le livre de Jérémie – Le prophète et son milieu, les oracles et leur transmission*, Leuven: University Press, 1981, p. 38; John Bright, *História de Israel*, tradução Luiz Alexandre e Eliane Cavaliere Solano Rossi, São Paulo: Paulus, 7ª edição, 2003, p. 403.